

## **Aborto é Cuidado! Revista Azmina e Jornalismo de Gênero no Contexto das Lutas Pelos Direitos Reprodutivos <sup>1</sup>**

Joana dos Santos Rosário<sup>2</sup>  
Frederico de Mello Brandão Tavares<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

### **RESUMO**

Este artigo busca analisar de que forma se dá a mobilização acerca do aborto dentro da Revista AzMina. Para isso, escolhemos o editorial “Aborto é cuidado!” realizado em conjunto junto a outros veículos de comunicação independente, a Gênero e Número e o Portal Catarinas. Embora se trate de um editorial coletivo, a ideia aqui é perceber o modo como a Revista AzMina vem mobilizando o debate acerca do aborto. Entendendo seu histórico de debate frente a pauta que é mobilizada desde de sua criação, em 2015. Nesse texto discutiremos o histórico-comunicacional em que "Revista AzMina" se insere, do ponto de vista, do uso das tecnologias da comunicação como ferramenta de combate.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aborto; Revista AzMina; Tematização; Ciberativismo; Estratégias Narrativas.

A mobilização e a luta por reconhecimento através de tecnologias da informação apontam para novas perspectivas acerca dos movimentos feministas. No final do século XX, a expansão da internet proporcionou aos movimentos sociais novas oportunidades para disseminar informações e fomentar o engajamento. Dando origem à era do ciberativismo<sup>4</sup>. Tratando de um episódio comum na vida das mulheres, o aborto – a perda ou interrupção da gravidez na fase embrionária (Prado, 2017) – Em setembro de 2023, a discussão sobre a discriminação do aborto ganhou folego outra vez, com a manifestação da ex ministra do STF, Rosa Weber durante um julgamento virtual em apoio

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Bolsista CAPES. E-mail: joana.rosario@aluno.ufop.edu.br.

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação, Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2). E-mail: frederico.tavares@ufop.edu.br.

<sup>4</sup> Para Becker (2010), ciberativismo se caracteriza pela inclusão tanto de atividades que ocorrem exclusivamente online quanto “ao uso da internet como um meio adicional de comunicação para grupos, organizações e movimentos sociais”.

à descriminalização do aborto até a 12ª semana de gestação<sup>5</sup>. Dada a sensibilidade do assunto, a ex -ministra considerou que os artigos 124 e 126 do Código Penal não estavam em conformidade com a atual Constituição Federal<sup>6</sup>.

Esse episódio deu início a uma série de mobilizações de grupos, ativistas e movimentos sociais a favor da legalização do aborto, agendando novamente a pauta pública. Frente a tal mobilização, a Revista AzMina, a Gênero e Número e o Portal Catarinas se juntaram em setembro para uma produção colaborativa, o editorial “Aborto é cuidado”. Em uma série de quatro reportagens publicado entre 19 e 28 de setembro de 2023, quando se celebra o dia da luta pela descriminalização e Legalização do aborto na América Latina e Caribe. O editorial teve como objetivo expor as consequências da criminalização do aborto as famílias brasileiras, mostrando a importância de acolher quem decide abortar, tecendo uma rede entre o cuidado e aborto.

Diante disso, este artigo busca analisar de que forma se dá a mobilização acerca do aborto dentro da Revista AzMina. A partir do editorial “Aborto é cuidado!”<sup>7</sup> a ideia aqui é perceber o modo como a Revista AzMina vem mobilizando o debate acerca do aborto. Entendendo seu histórico de debate frente a pauta que é mobilizada desde de sua criação, em 2015.

### **O movimento é reconhecer, organizar e articular! O jornalismo é ferramenta de mobilização**

A história do movimento feminista caminha lado a lado a história da mídia alternativa. Desde cedo, as mulheres identificaram a necessidade de serem ouvidas e por isso se apropriaram e apostaram na construção de um discurso combativo, com o duplo papel de “denunciar e o de mobilizar” outras mulheres a defenderem seus direitos, na tentativa de conquistarem a cidadania (Woitowicz, 2012, p.5). Ao reconhecer o papel da mídia na produção de estereótipos de gênero, o movimento feminista passa a aponderar-se dos meios comunicação. E é nesse contexto, que na segunda metade do

---

<sup>5</sup> A discussão sobre a descriminalização do aborto foi instigada no Supremo Tribunal Federal (STF) pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), autor da ação. O tema foi submetido a uma audiência pública em 2018, convocada pela ministra Rosa Weber, com o objetivo de realizar uma análise abrangente do assunto, envolvendo a participação de especialistas, representantes de entidades governamentais e membros da sociedade civil.

<sup>6</sup> Em sua avaliação, ela apontou a desproporcionalidade em impor uma pena de detenção de um a quatro anos para a gestante, caso ela provoque o aborto por conta própria ou autorize alguém a fazê-lo, assim como para a pessoa que ajudar ou realizar o procedimento. Contudo, o julgamento foi suspenso por pedido de destaque do ministro Luís Roberto Barroso, e, portanto, será retomado em uma sessão presencial do Plenário, com a data a ser definida.

<sup>7</sup> Realizado em conjunto junto a outros veículos de comunicação independente, a Gênero e Número e o Portal Catarinas.

século XX, que ficou conhecido como “segunda onda” do feminismo, grupos feministas e de mulheres no Brasil, passam a reconhecer a necessidade de “criar um discurso próprio, capaz de fazer questionamentos” sociais e promover mudanças”, (Woitowicz, 2012, p. 4).

No contemporâneo, com a inserção das novas tecnologias da informação na sociedade, movimentos sociais veem novos caminhos para espalhar sua mensagem e promover o reconhecimento de suas lutas. Conforme aponta Costa (2018) a facilidade e velocidade de circulação social a pela prática jornalística vem potencializando a força crítica do feminismo. Ao produzir conhecimento com base experiências cotidianas e opressões estruturais e rotineiramente marcadas pelo gênero “O jornalismo feminista se insere, portanto, em uma jornada de construção de uma epistemologia feminista”. A partir de 2015, a comunicação passa por uma revolução, “de autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet” (Castell, 2013, p. 158).

A partir desse movimento tão avassalador pelo ponto de vista político social que uma série de veículos de comunicação surgiram: Criado em agosto de 2015 pela jornalista Nana Queiroz, Revista AzMinas emerge como uma publicação, dedicada à representatividade feminina e ao enfrentamento de questões de gênero. Destacando-se por dar voz a mulheres e grupos marginalizados, desafiando estereótipos e contribuindo para uma narrativa mais inclusiva e equitativa. Ao aprofundar-se em questões sociais e políticas, a revista se posiciona como um espaço de reflexão crítica, promovendo a conscientização e o diálogo sobre temas frequentemente negligenciados pela mídia tradicional, ou pouco aprofundados como o aborto.

### **A pauta é: Aborto é cuidado! Todo mundo ama alguém que já fez aborto**

Em 19 de setembro de 2023, a "Revista AzMina"<sup>8</sup> em parceria com a Gênero e Número e o Portal Catarinas, lançaram o editorial Aborto é cuidado com uma série de conteúdos em apoio à descriminalização do aborto no Brasil. Conforme mencionam, os textos buscam abordar as consequências da criminalização do aborto para todas as famílias brasileiras. Além disso, destacam a importância do acolhimento às pessoas que decidem abortar, sugerindo uma reflexão sobre a necessidade de cuidado em relação a

---

<sup>8</sup> A Revista AzMina é uma instituição sem fins lucrativos que atua com o propósito de utilizar a informação para combater os diversos tipos de violência que afetam mulheres brasileiras, considerando as diversas dimensões de raça, classe e orientação sexual.

essa questão. Conforme proposto por Baccega (2007), iremos considerar nesta breve análise o contexto amplo e as influências sociais e ideológicas presentes no texto.

A iniciativa promovida pelos veículos de comunicação independentes acontece como mobilização ao recente debate público instaurado pelo julgamento iniciado na madrugada do dia 22 de setembro pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a descriminalização do aborto até a 12ª semana de gravidez. Naquele momento, o objetivo era referenciar o debate, de modo a promover uma pauta que é tão antiga e tão recorrente na esfera pública. Desse modo, a Revista AzMina na esfera do acontecimento “aponta para a necessidade do acolhimento a quem decide abortar”, traçando uma linha entre cuidado e aborto” (AzMina, 2023).

O editorial traz reportagens abordando os impactos na saúde relacionados ao aborto, incluindo dados que destacam mortes e internações decorrentes desse procedimento. Além disso, aborda a ação de grupos feministas que atuam para auxiliar mulheres que não que não chegam aos hospitais, informam e reduzem danos, para evitar negligência médica, mortes, humilhações e processos penais. O objetivo é evitar negligência médica, mortes, humilhações e processos penais. No intertítulo de *Todo mundo ama alguém que já fez um aborto*, as vésperas do julgamento já noticiado, os veículos referem-se ao contexto como *MOMENTO DECISIVO* e em texto quase como um manifesto, declaram:

Somos veículos jornalísticos independentes que apoiam a descriminalização do aborto no nosso país e iniciativas feministas que há anos cobrem questões de gênero, denunciando, reunindo informações e dados, contando histórias, e olhando para os direitos sexuais e reprodutivos das brasileiras. Este ano de 2023 é decisivo para avançar nessa pauta. (AzMina, 2023).

Em reconhecimento ao processo, posicionam-se e declaram a mobilização realizada com o protocolamento de “dois<sup>9</sup> pedidos de amicus curiae<sup>10</sup> na Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 442, no Supremo Tribunal Federal (STF), a favor da descriminalização do aborto até a 12ª semana de gestação” (AzMina, 2023). O site utiliza de links de direcionamento ao documento bem como outras produções já realizadas acerca do assunto. Além disso, é mencionado no

---

<sup>9</sup> Ver: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=770411149&prcID=5144865#>.

<sup>10</sup> Segundo os veículos, “o amicus curiae (amigos da corte) indica pessoa, entidade ou órgão com interesse na questão e conhecimentos sobre o tema, para colaborar e fornecer subsídios ao julgador”.

conteúdo o apoio de profissionais e instituições sociais no processo de busca por reconhecimento.

A matéria levanta, ainda, o atraso na discussão acerca do aborto, frente a outros países da América Latina “Uruguai, México, Argentina e Colômbia já permitem que pessoas que podem gestar tenham atendimento de saúde quando decidem abortar”. Nesse aspecto, os veículos ainda demarcam a falta de reconhecimento quanto às condições de mulheres que abortam em condições inseguras e argumentam o procedimento como uma prática comum na vida das mulheres.

Por fim, o texto manifesto articulado pelos veículos comunicacionais alternativos aponta para a existência de uma rede tecida por profissionais, organizações e movimentos da sociedade civil prontas para acolher e oferecer atendimento a quem precisa. Nesse interim, a mobilização realizada pela Revista AzMina, Gênero e Número e Portal Catarinas, no editorial *Aborto é cuidado* aponta que diante da articulação, o engajamento e a apropriação do uso de tecnologias sociais por movimentos como meio levar o reconhecimento da luta pelo direito ao aborto “O Brasil está mais do que preparado para falar sobre a descriminalização e a legalização do aborto” (AzMina, 2023).

### **Considerações finais**

Tendo em vista as limitações desse artigo, tivemos como foco discutir alguns elementos que caracterizam a produção jornalística alternativa, captando especificidades e aproximações no uso da mídia como ferramenta de ação política frente às demandas do movimento feminista. A ideia aqui foi analisar a produção jornalística e o debate que ela propõe. Nessa proposta analisamos como se dá a mobilização acerca da pauta sobre o aborto dentro da Revista AzMina. O estudo mostrou que ao propor no coletivo o reconhecimento da descriminalização do aborto como um direito que merece cuidado, ele coloca em pauta a importância da articulação e da informação como estratégia de fazer valer os direitos sociais.

Ao falar da importância das publicações feministas como uma forma de ação política direta, Jacira Melo (2003) destaca a necessidade de se investir na preparação dos textos para atender às necessidades e interesses do público, bem como a importância da profissionalização do processo editorial, do planejamento da distribuição dos materiais e da avaliação da recepção dos produtos. A se pensar no jornalismo, no

contexto das organizações feministas, partimos do entendimento dessa prática sendo uma forma de ativismo que contribui para as lutas pela cidadania feminina. Desse ponto de vista, sublinhamos aqui a relevância de refletir sobre as produções midiáticas, demarcando o papel da mídia alternativa como um espaço de mobilização, visibilidade e fortalecimento acerca das demandas feministas frente aos direitos reprodutivos.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: ed. Ática, 2007.

BARSTED, Leila Linhares. **Comunicação: é falando que a gente se entende**. In: PROJETO MULHER. Mulheres em Movimento. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero; Instituto de Ação Cultural, 1983. p. 13-16.

BECKER, Maria Lúcia. **Verbete ciberativismo**. Enciclopédia Intercom de Comunicação, 2010.

BRITO, Milena. Primavera Feminista: a internet e as manifestações de mulheres em 2015 no Rio de Janeiro. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 11, p. 1-11, 2017.

BUITONI, Dulcilia Schroeder; LOPES, Martha. "**Revista AzMina**" e **Carnaval sem Assédio**: uma análise do jornalismo ativista no combate à violência contra a mulher. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 4, n. 2, p. 21-40, 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA, Kamila Tuenia de Oliveira. **O papel do jornalismo feminista na construção do direito de autonomia reprodutiva da mulher e na luta pela descriminalização do aborto**: uma análise da Revista AzMina. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DUTRA, Zeila Aparecida Pereira. **A Primavera das mulheres**: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas. *Revista Feminismos*, v. 6, n. 2, 2018.

MELO, Jacira. Publicar é uma ação política. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, p. 298-301, 2003.

PRADO, Danda. **O que é aborto**. Brasiliense, 2017.

**Todo mundo ama alguém que já fez um aborto** - Link para a matéria: <https://azmina.com.br/colunas/descriminalizacao-do-aborto-todo-mundo-ama-alguem-que-ja-fez/> - Aborto: Todo mundo ama alguém que já fez - AzMina

WOITOWICZ, Karina Janz. **Imprensa feminista no contexto das lutas das mulheres**: Ativismo midiático, cidadania e novas formas de resistência. *Ação Midiática–Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura.*, v. 1, n. 3, 2012.